

Sarney se diz pronto para mudar de vida

"Foi um raio que caiu sobre minha cabeça". É com essa frase que o presidente José Sarney se refere hoje, a quatro dias de deixar o cargo, à noite de 14 de março de 1985, quando soube da doença de Tancredo Neves, que o levou a assumir a Presidência da República. Depois de cinco anos, Sarney não esconde que se sente aliviado de um carga muito pesada e, quase como um colegial em início de férias, diz: "estou no começo de uma vida nova".

Longe de pretender se transformar em professor de ciência política, o presidente Sarney criou uma definição própria para a democracia que consolidou: "é um presidente em final de mandato ajudando a mulher a arrumar caixas e caixotes para deixar, tranquilamente, o palácio".

Insistindo sempre na obra institucional que realizou, nos últimos cinco anos, com orgulho, citou a definição de Winston Churchill: "Quando a campanha da porta de casa toca às seis horas da manhã, podemos atender com certeza que é o leiteiro e não a polícia. Isto é democracia".

E agora, presidente?

Agora, é ficar meio isolado, lendo, escrevendo proseando, pescando na minha ilha pertinho de São Luiz.

O ex-presidente pretende isolar-se por um período ainda não definido?

Vamos ver por quanto tempo vou ficar na ilha. Pode ser alguns dias, pode ser algumas semanas, meses. Será muito difícil na ilha não pretendo ler jornais, nem ouvir rádio, muito menos ligar a televisão. Luz elétrica já tem, mas não vou levar o rádio, nem a tevê - garantiu. Sua mulher, Marly, deverá dar a pa-

vra final sobre a duração do retiro.

Embora desejando isolar-se, Sarney já aceitou dois convites para conferências no exterior: do economista John Kenneth Galbraith e de uma instituição de Nova Iorque. O tema será como governar a América Latina. O presidente argentino, Raul Alfonsín, seu amigo pessoal, já fez aquele roteiro e gostou.

O senhor poderá voltar ao jornalismo?

Acho que não. Pelo menos por uns tempos. Acho que ex-presidente da República não pode aceitar qualquer tipo de emprego. De nenhum tipo".

Logo depois, lembrando sua condição de ex-deputado, ex-senador, ex-governador, ex-chefe partidário e ex-presidente da República, José Sarney fez a ressalva: "Se minha experiência pesar e for solicitado, poderei atender pedidos de opinar, sugerir, avaliar problemas do País".

Numa noite de recordações e até de emoções, o ex-presidente se deu ao direito de repetir seu uísque algumas vezes, antes, durante e depois do jantar: "já estou mesmo de férias", justificou.

Sem esconder o alívio de deixar o cargo, Sarney contou o episódio com a segurança do Alvorada, ao sair de automóvel, com dona Marly dirigindo:

"Foi uma beleza. Como pessoas da classe média, eu e Marly nos deliciamos com o automóvel novo. Olhando o porta-mala, o painel, o som, as luzes. Marly, emocionada, resolveu testar o carro nas alamedas do Alvorada. Fui de carona. Ficamos sorrindo o tempo todo. Ela resolveu, então, dar uma voltinha na área externa do palácio. O guarda quase morreu de susto. Tinha de informar à segurança. Marly insistiu: "vamos ficar por aqui pertinho". O guarda, nervoso e surpreso acabou concordando. Setimos uma alegria imensa".

Alguma mágoa, ressentimento, raiva, ódio de alguém?

De jeito nenhum. Os que me conhecem sabem bem que não sou homem de ter ódio de ninguém. Nem raiva. Poderei sentir mágoas, decepções, frustrações. Ódio, nunca.

E as críticas da imprensa ao seu governo?

Deixo o palácio com a certeza: nenhum jornalista, nenhum colega, nos últimos cinco anos, disse que tinha "medo do Sarney". Cada um escreveu e falou o que quis do presidente.

Sarney não fica revoltado ao ouvir e ler que foi um chefe de Governo fraco, por demais tolerante, frio a certas críticas duras, sem reagir aos ataques.

"Tive 27 anos de mandato popular. Fui governador e presidente. Não posso ter ficado esclerosado. Nem fiquei burro. Fiz o que pude fazer. Se nem tudo deu certo, principalmente no combate à inflação, não foi por falta de disposição, de vontade de acertar. Governar é muito duro", desabafou, sem esconder a emoção e sem evitar lágrimas nos olhos.

Sarney confirma que no dia 14 de março de 1985, se preparava para uma vida mais tranquila, de vice-presidente, mas sem se omitir dos problemas nacionais que seriam da responsabilidade de Tancredo Neves. O então jovem economista João Batista de Abreu seria seu "conselheiro" em assuntos econômicos e o Palácio do Jaburu,, perto do Palácio da Alvorada, a sua residência. Iria ler e escrever. "Mas um raio despençou sobre mim".

João Baptista de Abreu ficou na Seplan, depois indicado por Sarney secretário de Fazenda do governo mineiro e ministro do Planejamento.

O ex-presidente contou muita coisa de sua vida parlamentar, de jovem deputado do grupo "bossa nova" da UDN. Na campanha eleitoral de Jânio Quadros, em 1958, estava em Lavras, Minas.